

Ricardo Carlos Cordeiro, explorador do continente americano

Ricardo Carlos Cordeiro é médico epidemiologista da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp, fotógrafo, alpinista e explorador. Já percorreu 20 países do continente americano. Como alpinista, no ano de 2015, chegou até o cume do Cerro Plata, na Argentina. Agora está se preparando para escalar duas montanhas no Peru, nas férias de julho: o Monte Pisco e o Monte Chopicalqui. Ricardo escreve contos desde a juventude. É um passa-tempo. Quando o texto fica interessante, divulga para os amigos.



Funeral na Montanha

(Quatro horas da manhã)

– Cristina?
– Quem fala?
– Pedro.
– O que houve?!
– Se acalme!
– O Juan...
– Juan morreu.
– Como?
– Edema. Pulmonar. Não conseguimos baixá-lo a tempo. Nevasca.
– E Murilo?
– Está bem.
– Onde vocês estão?
– La Hoyada, ao pé do Infernillo, 5.700 metros, muito vento, -25 graus.
– Deus... para que isso?
– O que você quer que façamos com o corpo? Podemos baixá-lo até Piedra Grande, de lá enviá-lo de mula para Cajatambo.
– Não.
– Não?
– Deixe-o aí.
– Mas...
– Juan queria morrer na montanha. Dizia que um dia não voltaria. Chegou esse dia.
– Mas...
– Façam uma cerimonia espiritual. Rezem e o cubram com neve.
– Está segura?
– Sim.
Pedro desligou o telefone satelital.
Murilo acompanhou a conversa calado, encolhido em seu saco de dormir. Juan,

esticado ao seu lado, se vivo estivesse teria ouvido sua mulher mandar que ficasse por lá.
O dia amanheceu. Os dois alpinistas deixaram a barraca. Fizeram uma cova onde depositaram o corpo de Juan, seguindo a vontade de Cristina. Mas ela pediu que antes de cobri-lo de gelo, fizessem uma cerimonia espiritual.
Em volta do corpo, os dois se entreolhavam sob o vento inclemente. Nevava muito.
– Fala alguma coisa...
– Começa você.
– A gente não se preparou para isso.
– Uma cerimonia espiritual...
– Não sei o que é.
– Nem eu.
– Juan era sangue bom.
– Companheiro.
– Solidário.
– Sorridente.
– Salvou minha vida numa greta.
– Descanse em paz.
– Não vai descansar...
– Como assim?
– ...nem vai se cansar. Acabou.
– Juan agora está com Deus.
– Juan acabou, deixou de existir.
– Até em velório você é ateu!
– Agnóstico.
– Mesma coisa.
– Não é.
– Qual a diferença?
– Muito frio para explicar.
– Ele continua existindo no espírito da montanha.
– Montanha não tem espírito.

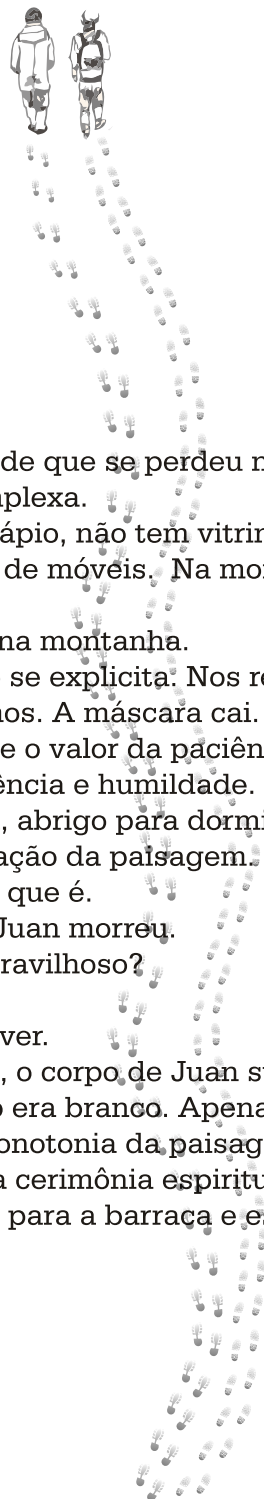


- Montanha é sagrada.
- Montanha é areia e rocha.
- Ao longo dos séculos, incas, aimarás, sherpas, mongóis, os mais diversos povos cultuaram seus deuses nas montanhas.
- O homem criou Deus e o fez morar nas alturas.
- A montanha une o humano ao divino.
- A montanha é uma elevação natural do terreno.
- A montanha propõe diversos caminhos ao cume.
- Nós criamos os caminhos.
- Cada caminho com suas dificuldades...
- São nossas as dificuldades.
- Escolha, esforço, superação, transcendência. Chegar ao cume é a metáfora da comunhão com o sagrado.
- O ataque ao cume é um jogo de vida e morte, onde a nossa obstinação luta contra o medo e a sensação de abandono, fragilidade e insignificância.
- Olimpo, Kailash, Fuji, Sinai, Nebo, Song Shang, Croagh Patrick, Licancabur... Em todas as culturas, a montanha é onde o homem encontra Deus.
- Desculpe minha pobreza de espírito, mas insisto que montanha é só areia e rocha.
- E por que você escala montanha?
- Escalo para viver.
- Olhe para nós três. Chama isso vida?
- Sim, vida em estado puro. A montanha

resgata a simplicidade que se perdeu na cidade.

- A montanha é complexa.
- Aqui não tem cardápio, não tem vitrine, não se troca de roupa, nem de móveis. Na montanha menos é mais.
- Há muita vaidade na montanha.
- Na montanha tudo se explicita. Nos revelamos aos outros e a nós mesmos. A máscara cai. E o montanhista aprende o valor da paciência, perseverança, resiliência e humildade. Aprende a valorizar o essencial, abrigo para dormir, água para beber, e a contemplação da paisagem. Se isso não for viver, não sei mais o que é.
- Mas você diz que Juan morreu.
- Sim. Isso não é maravilhoso?
- Maravilhoso?
- Morreu de tanto viver.

Enquanto discutiam, o corpo de Juan sumiu sob a neve. Em volta, tudo era branco. Apenas o açoite do vento quebrava a monotonia da paisagem. Os dois, congelados, deram a cerimônia espiritual por encerrada. Voltaram para a barraca e esperaram a nevasca.



Se você escreve, mande seus poemas, contos ou crônicas para imprensa@fcm.unicamp.br